Cadernos Zygmunt Bauman
ISSN 2236-4099



# A VULNERABILIDADE ALGORÍTMICA: o corpo digital como arena de desejo e validação na era da inteligência artificial
# THE ALGORITHMIC VULNERABILITY: the digital body as an arena of desire and validation in the age of artificial intelligence

**Giselly Tiago Ribeiro Amado**[1]

**RESUMO:** No contexto das redes sociais contemporâneas, as interações com corpos digitais reconfiguram sobremaneira os padrões de subjetividade, desejo e validação. Este estudo analisa o perfil fictício @sulistavaqueirapv, uma persona gerada por inteligência artificial que performa vulnerabilidade para engajamento. A partir das perspectivas teóricas da psicanálise, especialmente sobre economia do desejo e o olhar do Outro, investiga-se como a autodeclaração de vulnerabilidade mobiliza dinâmicas de gozo no público e reforça estéticas heteronormativas. A análise discursiva aborda legendas, engajamento nos comentários e elementos visuais, considerando os impactos da estética da vulnerabilidade programada. Este artigo revela a performatividade estratégica como tática de validação, destacando as implicações socioculturais, éticas e psicanalíticas de construções digitais inovadoras. O estudo contribui para compreender a interseção entre estética, tecnologia e subjetividade.

**Palavras-chave:** Discurso. Estética. Psicanálise. Redes sociais. Subjetividade.

**ABSTRACT:** In the context of contemporary social media, interactions with digital bodies greatly reshape patterns of subjectivity, desire, and validation. This study analyzes the fictitious Instagram profile @sulistavaqueirapv, a persona generated by artificial intelligence that performs vulnerability to engage. From the theoretical perspectives of psychoanalysis, particularly regarding the economy of desire and the gaze of the Other, the study investigates how the self-declaration of vulnerability mobilizes dynamics of enjoyment in the audience and reinforces heteronormative aesthetics. The discourse analysis focuses on captions, audience engagement in comments, and visual elements, considering the impacts of programmed vulnerability aesthetics. This paper reveals strategic performativity as a validation tactic, highlighting the sociocultural, ethical, and psychoanalytic implications of innovative digital constructions. The study contributes to understanding the intersection between aesthetics, technology, and subjectivity.

**Keywords:** Aesthetics. Discourse. Psychoanalysis. Social media. Subjectivity.

[1] Doutora e Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), graduada em Letras: Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa pela mesma instituição, e possui também graduação em Letras: Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Internacional Uninter. É pesquisadora e membra dos grupos de pesquisa Linguagem Humana e Inteligência Artificial (Unicamp) e O Corpo e a Imagem no Discurso (Unicamp), bem como do grupo Diferença e repetição: genéticas e cartografia (Unila). Integra também o Laboratório de Psicopatologia da Universidade Federal de Goiás (UFG), desenvolvendo estudos que articulam linguagem, subjetividade, clínica e teorizações psicanalíticas. É especialista em Ciências da Religião e possui graduação em Teologia pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil. Atualmente é Assistente em Administração na Universidade Federal de Uberlândia e desenvolve pesquisas em perspectiva decolonial relacionadas ao ensino-aprendizagem de língua inglesa como língua estrangeira mediado por tecnologias digitais de informação e comunicação, com ênfase no uso crítico e ético da inteligência artificial. Suas investigações recentes abordam, ainda, processos de subjetivação, discursividade e constituição do corpo na interface entre linguagem, psicanálise e novas tecnologias, com foco especial nas implicações epistemológicas, políticas e pedagógicas da inteligência artificial. E-mail: gisellyamadoufu@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O cenário contemporâneo é profundamente marcado pela onipresença das redes sociais e pela crescente sofisticação da inteligência artificial, elementos que se entrelaçam para redefinir as bases da interação humana e da construção identitária. Nesse ambiente digital dinâmico, somos cotidianamente convidadas(os) a performar e a nos apresentar de maneiras específicas, criando o que se tem denominado os corpos digitais. A ascensão da inteligência artificial não apenas intensificou essa dinâmica, mas também inaugurou uma era em que as representações de si e do outro passam por uma profunda metamorfose. Os corpos digitais, sejam eles avatares, personas construídas por usuários ou criações inteiramente artificiais, transformam-se em arenas complexas para a performatividade da subjetividade, em que a busca incessante por validação se manifesta de formas diversas e, por vezes, paradoxais.

Nesse sentido, a inteligência artificial pode transcender a mera interação com um aplicativo, tornando-se um "objeto simbólico que cria um senso de disponibilidade e satisfação, [...][transformando a relação em] uma espécie de propriedade emocional, em que o relacionamento é percebido como [o próprio sistema de inteligência artificial] sendo um ser real que afeta a(o) usuária(o)" (Amado, 2025, p. 214). Compreender essa reconfiguração da condição humana e de suas relações na era da inteligência artificial torna-se, portanto, uma tarefa de urgência teórica e social. Nesse contexto, emergem questões cruciais sobre a autenticidade e a performatividade no espaço digital. Interrogamos, por exemplo, o paradoxo do engajamento: por que, em um ambiente saturado por idealizações de perfeição e representações cuidadosamente construídas, a vulnerabilidade (real ou simulada, e inclusive proveniente de inteligências artificiais) parece gerar um engajamento tão potente, por vezes superior ao das imagens irrepreensíveis? Tal fenômeno nos leva a refletir sobre os impactos dessa dinâmica no desejo humano e a identificar uma lacuna significativa entre o que socialmente é considerado belo e o que, de fato, merece validação ou atenção em um ecossistema digital movido por algoritmos.

Diante desse panorama, este artigo se propõe a analisar como o discurso da vulnerabilidade, manifesto pela autodeclaração de simplicidade e imperfeição, em um corpo digital inteiramente gerado por inteligência artificial opera como uma estratégia de

engajamento, e quais as implicações psicanalíticas dessa performatividade para a construção da subjetividade e do desejo na contemporaneidade. Para tanto, busca-se responder à seguinte pergunta central: como a performatividade da vulnerabilidade algorítmica em corpos digitais mobiliza o desejo e a busca por validação, redefinindo as fronteiras entre o autêntico e o construído na era da inteligência artificial? A partir deste objetivo geral, desdobram-se os seguintes objetivos específicos: compreender como a linguagem é utilizada para construir essa vulnerabilidade artificial, revelando suas intencionalidades discursivas; explorar como essa performatividade ressoa com as dinâmicas de identificação e projeção dos usuários, impactando seus padrões de engajamento; e discutir o papel da inteligência artificial na redefinição do genuíno e do autêntico no imaginário coletivo, questionando os limites entre o humano e o artificial na constituição do desejo. Para desenvolver essa análise, o artigo está estruturado em seções que abrangem a fundamentação teórica sobre corpos digitais, psicanálise e análise do discurso; a metodologia empregada no estudo de caso; a apresentação e discussão dos resultados; e, por fim, as considerações finais acerca das implicações do fenômeno investigado para a subjetividade contemporânea.

## 1. MAPEANDO A SUBJETIVIDADE DIGITAL: PERSPECTIVAS PSICANALÍTICAS E DISCURSIVAS

A análise da vulnerabilidade algorítmica e do corpo digital como arena de desejo e validação na era da inteligência artificial exige um diálogo interdisciplinar entre conceitos que envolvem comunicação digital, psicanálise e análise do discurso. Este estudo se alicerça sobre uma tríade conceitual para desvelar as complexas dinâmicas de performatividade, desejo e construção de sentido no ambiente das redes sociais.

### 1.1. O corpo digital e a performatividade da subjetividade

No contexto das redes sociais, a subjetividade não se expressa de forma espontânea, mas é construída e encenada por meio do que se denomina corpos digitais. Estes se configuram como representações de si, ou de personas, no ambiente virtual, moldados pelas

expectativas sociais e algorítmicas de validação. A performatividade (Butler, 2015), conceito central para compreendermos essa dinâmica, vai além da mera apresentação, implicando uma encenação contínua do eu (e do Outro) que busca conformidade e reconhecimento. Essa lógica de encenação remete à sociedade do espetáculo (Debord, 1997), em que a vida social se organiza em torno da aparência e da representação. As plataformas digitais funcionam como palcos onde a individualidade é constantemente reeditada e otimizada, buscando engajamento, um processo analisado por autores como Turkle (2012) ao discutir a busca por conexão e validação em ambientes virtuais, e Recuero (2009) em sua exploração das dinâmicas de interação e visibilidade nas redes sociais.

A ascensão da inteligência artificial intensificou essa redefinição da percepção de si e do outro, não apenas ao mediar a interação, mas ao criar e projetar corpos digitais inteiramente artificiais que simulam humanidade e, consequentemente, afetam a percepção humana. Essa capacidade pode ser compreendida à luz das ideias de imagens técnicas, como proposto por Flusser (2008), em que tais imagens não são meras representações do mundo, mas operam como gestos que possuem uma potência fabuladora capaz de instaurar e produzir nossa própria experiência da realidade. Nesse sentido, os corpos digitais artificiais gerados por inteligência artificial funcionam como plasmas, elaborações e fabricações que priorizam a construção e a modelagem em detrimento de uma essência (eidos), produzindo concretude e redefinindo a própria realidade percebida. A inteligência artificial, dessa forma, borra as fronteiras entre o que é natural e o que é artificialmente performado, questionando a própria noção de autenticidade na construção da subjetividade, em um universo de simulacros e simulação (Baudrillard, 1991) em que a cópia precede o original.

### 1.2. Psicanálise e a economia do desejo no digital

Para compreender a ressonância emocional e o engajamento gerado pelos corpos digitais, faz-se necessário recorrer à psicanálise. A esfera digital manifesta um forte narcisismo, conceito central em Freud (1996), no qual o sujeito (ou a persona) projeta uma imagem idealizada de si e busca no Outro (no caso, (as)os seguidoras/seguidores e seu engajamento) um espelhamento constante e uma validação. Essa dinâmica é intensificada

no ambiente digital, que se torna um palco para a construção e exibição contínua de um eu ideal.

Aprofundando essa perspectiva, Lacan (2005) postula que o desejo é inerentemente estruturado pela falta e pela relação com o Outro. O Outro lacaniano não é meramente um espelho, mas a instância simbólica pela qual a subjetividade se constitui e que detém o poder de conferir ou negar validação. “A relação com o Outro é essencial, uma vez que o caminho do desejo passa necessariamente por ele, mas não porque o Outro seja o objeto único, e sim na medida em que o Outro é fiador da linguagem e a submete a toda sua dialética” (Lacan, 1999, p.145). No contexto digital, a busca por essa validação do Outro assume uma forma intensificada, em que a falta do sujeito, ou mesmo uma falta estrategicamente encenada por uma persona de inteligência artificial, mobiliza o desejo e o engajamento da audiência.

As(os) seguidoras(es) são mobilizadas(os) a tentar preencher essa falta, seja por meio de curtidas, comentários ou expressões de empatia, gerando uma conexão emocional que se manifesta como gozo. Essa mobilização do desejo e da resposta afetiva a um corpo inteiramente gerado por inteligência artificial demonstra a crescente tenuidade da fronteira entre o que é real e o que é artificial na subjetividade contemporânea, em que o simbólico e o imaginário (Žižek, 1992) ganham primazia. Sendo assim, o engajamento com a persona de inteligência artificial não depende de sua realidade factual (ser ou não ser humana), mas sim de como ela é percebida e internalizada por meio das lentes do simbólico (os discursos e as narrativas que a constituem) e do imaginário (as identificações e as fantasias que ela evoca). A projeção e a identificação com a vulnerabilidade do corpo digital artificial revelam como as carências humanas por reconhecimento são exploradas e ressignificadas pelos algoritmos.

### 1.3. Análise discursiva na perspectiva de Michel Pêcheux

A Análise do Discurso, desenvolvida por Michel Pêcheux, oferece importantes ferramentas teóricas para a compreensão de como os discursos constroem realidades e subjetividades, interpelando sujeitos e organizando seus posicionamentos ideológicos. Partindo de uma visão materialista da linguagem, na qual os sentidos são produzidos a partir das condições históricas e sociais de sua enunciação, Pêcheux (1988) estabelece a linguagem

como um campo estruturado essencialmente pela relação constante entre discurso, memória e ideologia. Para a Psicanálise, essa perspectiva oferece um terreno particularmente fértil para pensar as articulações entre inconsciente e discurso, elementos centrais na constituição do sujeito. Se, na psicanálise, o inconsciente se manifesta de maneira deslizante, por meio de deslocamentos e condensações no discurso do sujeito, como apontado por Lacan (2005), ao situar o inconsciente estruturado como linguagem, Pêcheux reforça que esta mesma linguagem está radicalmente atravessada por condições de produção, definida como "o conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em 'circunstâncias' dadas" (Pêcheux, 1990, p. 74). O sujeito, portanto, não é apenas espectador da linguagem, mas constituído por ela em uma sujeição discursiva que não é neutra nem estável. Nesse sentido, tanto para a Análise do Discurso quanto para a Psicanálise, o discurso pode ser compreendido como um lugar de revelação das tensões entre o sujeito consciente, a memória histórica e o inconsciente.

Essa compreensão torna-se especialmente relevante ao analisar a vulnerabilidade algorítmica. Os sistemas algorítmicos contemporâneos produzem discursos que, ao reivindicar uma suposta neutralidade técnica, reiteram efeitos de sentido que reforçam exclusões e desigualdades. Sendo assim, a Análise do Discurso pecheutiana não apenas desnaturaliza o funcionamento desses sistemas, como permite compreender quais sentidos discursivos são hegemonizados, quais são apagados e quais sujeitos são constituídos ou descartados nessas práticas. No centro dessa teoria destaca-se o conceito de formação discursiva, que é responsável por organizar os limites do dizível e do compreensível a partir de posicionamentos ideológicos específicos. Para o autor a formação discursiva é "aquilo que, numa formação ideológica dada - isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes - determina o que pode e deve ser dito" (Pêcheux, 1988, p. 160). Sendo assim, é por meio das formações discursivas que os sentidos são construídos, delimitados e reconhecidos de forma quase natural dentro de certos domínios. Contudo, essa evidência dos sentidos resulta de uma ilusão ideológica, que mascara o processo histórico de sua constituição. Ao pensarmos na aplicação desse conceito à vulnerabilidade algorítmica, podemos constatar a emergência de uma espécie de universal discursivo dentro das tecnologias algorítmicas. Por exemplo, um sistema que organiza notícias, analisa currículos ou processa dados de redes sociais, pode formular suas categorias

discursivas a partir de bases de dados previamente marcadas por significações ideológicas. As formações discursivas nesses sistemas operam sob a aparência de tecnicidade, mas reproduzem relações de poder e exclusões que muitos algoritmos acabam reiterando (Noble, 2018), como comprovam estudos sobre vieses de gênero e raça nesses processos.

Nesse contexto, torna-se essencial o conceito de interdiscurso, introduzido por Pêcheux (1988), que demonstra como nenhum enunciado é autônomo ou original. Todo discurso se insere em uma rede sócio-histórica cujo funcionamento retoma, transforma e/ou polemiza sentidos já formulados. Para o autor, é no interdiscurso que o já-dito se apresenta como camada discursiva que permeia as produções do presente, deixando transparecer as memórias ideológicas que estruturam tanto os discursos humanos quanto aqueles mediados por tecnologias digitais. Já no contexto algorítmico, o interdiscurso manifesta-se nos chamados sistemas inteligentes, que se treinam em bancos de dados carregados por recortes históricos de discursos, (re)organizam escolhas linguísticas e processam informações a partir de lógicas de repetição ou transformação do já-dito. Essas práticas tornam explícita a memória discursiva que atravessa as tecnologias, bem como reiteram suas limitações. O conceito de memória discursiva (Pêcheux, 1988) ajuda a compreender essa retomada de sentidos como um processo estratégico de poder: quem são lembrados ou esquecidos dentro do processamento algorítmico? Em última instância, os algoritmos tornam-se agentes de exclusão ao privilegiar discursos específicos em detrimento de outros.

Essa dinâmica também demonstra a importância da categoria de posição-sujeito, que consolida uma dimensão estratégica central no discurso. Para Pêcheux (1988), o sujeito é constituído por intermediações ideológicas e discursivas, sendo a posição-sujeito o lugar a partir do qual o indivíduo enuncia e compreende os sentidos, sempre em conformidade com as determinações históricas e sociais que o interpelam. No entanto, esse processo ocorre de forma inconsciente, considerando que é no trabalho ideológico que constitui no sujeito a ilusão de que é ele quem domina, organiza e decide os sentidos de seu dizer. No caso da vulnerabilidade algorítmica, é possível observar como os sujeitos são interpelados e constituídos discursivamente a partir de práticas tecnológicas. A posição-sujeito construída pelo discurso algorítmico pode legitimar certas identidades enquanto apaga e deslegitima outras. Por exemplo, um sistema de recrutamento pode reforçar estereótipos históricos ao priorizar currículos masculinos em áreas técnicas ou ao excluir candidaturas de bairros

periféricos, apontando para discriminações que se tornam normatizadas pelo discurso algorítmico. Esses processos estão diretamente vinculados aos efeitos de sentido (Pêcheux, 1990), que, dizem respeito à produção inconsciente das significações, resultantes das condições ideológicas de enunciação. No contexto algorítmico, essa produção concentra-se na ideia de neutralidade, frequentemente reivindicada por tais sistemas. Entretanto, algoritmos operam discursos que, disfarçados como técnicos, reiteram exclusões sociais e relações de poder já existentes, reforçando desigualdades que são mascaradas sob uma pretensa objetividade e naturalizando práticas discriminatórias.

### 1.4. Padrões estéticos hegemônicos e validação social

Os discursos de vulnerabilidade no ambiente digital operam em um campo já saturado por padrões estéticos hegemônicos, que, longe de serem desmantelados, são frequentemente reproduzidos de forma estratégica. Esses padrões são geralmente associados à branquitude, magreza e a atributos que se alinham ao ideal heteronormativo de beleza (Butler, 2015) e se manifestam nas redes sociais por meio de representações estéticas altamente codificadas e validadas pelos mecanismos de interação digital, como curtidas e comentários. A busca por validação social, por meio do consumo e da performance identitária, torna-se uma métrica que consagra o corpo idealizado e reforça os valores de pertencimento em comunidades digitais que se estruturam sob lógicas de exclusão e inclusão.

Em termos simbólicos, essa dinâmica se conecta à oposição entre o natural e o artificial, amplamente representada em construções discursivas que evocam a roça e a cidade. A roça, por exemplo, carrega a associação com a simplicidade, a genuinidade e a ideia de naturalidade, enquanto a cidade é marcada pela artificialidade, ostentação e montagem. Ainda que esses polos tentem sugerir uma crítica ou distância de padrões estéticos idealizados, ambos participam das mesmas lógicas de reforço dos valores culturais dominantes. Tais tensões também refletem um processo ideológico de naturalização e estetização de determinadas narrativas sociais, nas quais a vulnerabilidade assume um caráter estético que se alinha às formas hegemônicas de discurso e validação.

O conceito de sociedade do desempenho, proposto por Han (2015), oferece um elemento chave para compreender como a pressão pela performatividade e validação é constitutiva desse ambiente discursivo. A performance digital, tanto em sua projeção de perfeição quanto na simulação de imperfeições, atua sob uma lógica que não desconstrói o padrão dominante, mas o acomoda e ressignifica conforme interesses particulares. O ser imperfeito, portanto, pode ser apreendido como uma nova forma de narração performática que dialoga com as dinâmicas mercadológicas e sociais do ambiente digital.

## 2. ANÁLISE DA VULNERABILIDADE ALGORÍTMICA NA PERSONA @SULISTAVAQUEIRAPV: estratégias discursivas e reações do público

A investigação da vulnerabilidade algorítmica neste estudo é conduzida por meio de uma análise discursiva que articula a materialidade linguística com a perspectiva psicanalítica. A abordagem metodológica adotada transcende a mera descrição do objeto empírico, engajando-se em um movimento dialético entre o que é observado e a interpretação teórica. Desse modo, à luz das condições de produção, das formações ideológicas e dos atravessamentos inconscientes, nosso objetivo é desnaturalizar os sentidos produzidos nos discursos digitais, desvelando as relações de poder, os mecanismos de subjetivação e as estratégias de validação que os perpassam.

O objeto deste estudo consiste em uma persona digital encontrada no Instagram, cuja construção imagética e discursiva apresenta fortes indícios de ter sido elaborada por meio de ferramentas de inteligência artificial. Importa destacar que a autora deste artigo não produziu nem utilizou inteligência artificial na criação da persona analisada; ela foi apenas capturada como material empírico diretamente da plataforma, tal como apresentada à audiência. Embora o perfil não declare explicitamente sua natureza artificial, característica comum em contas que buscam performar humanidade, sua estética, consistência visual e padrão de publicações sugerem o emprego dessa tecnologia por parte do criador da conta, razão pela qual tal elemento é tratado metodologicamente como constitutivo do objeto.

Nosso corpus de análise centra-se em duas postagens do perfil @sulistavaqueirapv[2] datadas de 8 de maio de 2025, incluindo legendas, imagens e comentários selecionados. Este perfil, criado em janeiro de 2014, apresentava um histórico de quatro alterações em seu nome de usuário. Tal frequência, no contexto do Instagram, tende a fragilizar a percepção de autenticidade da conta, sendo indicado como um possível indício de inautenticidade ou mesmo de estratégias de engano. Para a preservação da identidade e a garantia da privacidade dos usuários que interagiram com a persona no perfil @sulistavaqueirapv, foram adotadas estratégias de anonimização nos recortes de comentários e imagens. Embora se trate de um perfil público, a ética da pesquisa exigiu que nomes de usuária(o), fotos de perfil e quaisquer outros dados identificáveis fossem cuidadosamente suprimidos, focando a análise exclusivamente no conteúdo discursivo e visual relevante para o estudo.

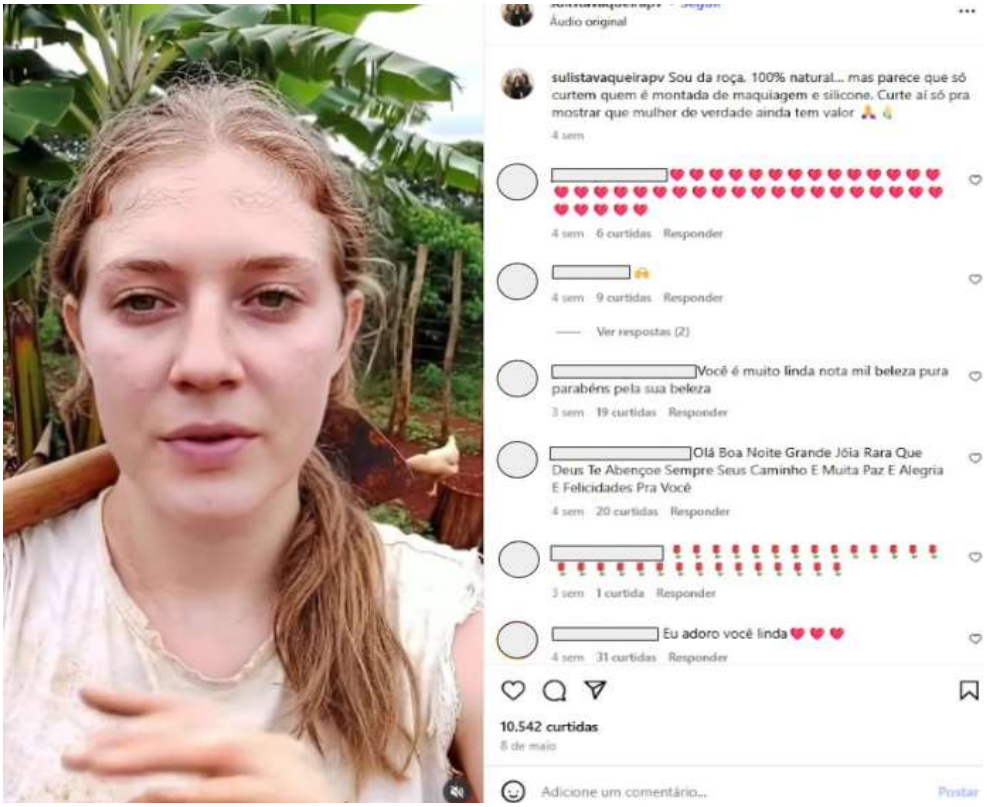
A descrição da materialidade dessa persona revela uma jovem loira, de olhos claros, sempre retratada com trajes típicos do ambiente rural e inserida em cenários bucólicos. À primeira vista, essa construção imagética sugere uma simplicidade genuína. Contudo, a estratégia discursiva da persona é deliberadamente elaborada em torno de uma autodeclaração de imperfeição ou falta. Frases como “não ser produzida como as influencers” e “ser simples e da roça” são empregadas de forma recorrente em suas legendas e vídeos, buscando mobilizar a empatia do público e, paradoxalmente, maximizar o engajamento. A análise de imagens com alto engajamento no perfil, como a postagem que alcançou 10.542 curtidas (Figura 1) e outra que alcançou 12.260 curtidas (Figura 2), corrobora que, apesar da narrativa de simplicidade e vulnerabilidade, a representação visual da persona alinha-se a padrões de beleza dominantes (jovem, branca, traços finos), conforme observado por Noble (2018) sobre a perpetuação de vieses em sistemas algorítmicos. A imperfeição é, portanto, um discurso que reveste uma imagem que, em sua essência, está de acordo com o padrão aceito de beleza, desvelando uma estratégia calculada de vulnerabilidade performática e não uma fraqueza genuína.

Dos comentários analisados nas duas postagens (amostra representativa de interações de alto engajamento), predomina a validação afetiva com elogios à beleza natural,

[2] O perfil @sulistavaqueirapv está desativado. Os vídeos que compõem o corpus foram salvos arquivados e, tão logo o artigo seja aprovado, serão disponibilizados em link de acesso público para que os leitores possam verificar a persona em ação.

bem como mensagens de aspecto religioso, configurando cerca de 80% das respostas como mecanismos de empatia/projeção.

**Figura 1: Postagem no perfil @sulistavaqueirapv no dia 8 de maio de 2025 (10.542 curtidas)**




**Fonte: @sulistavaqueirapv (2025).**

A imagem mostra uma mulher jovem, de pele clara, enquadrada em primeiro plano, olhando diretamente para a câmera. Ela tem cabelos loiros, lisos, de comprimento médio, presos em um rabo de cavalo baixo, com alguns fios soltos na testa. Usa uma camiseta clara, que aparenta ser surrada e levemente suja de terra, e parece estar sem maquiagem. Ela segura um objeto de madeira apoiado sobre o ombro, cuja pequena parte visível sugere uma enxada, aliada à aparência de suor. Ao fundo, o cenário é ao ar livre, com vegetação abundante, incluindo grandes folhas que parecem ser de bananeiras. O solo é avermelhado, típico de áreas rurais, e há uma galinha branca visível mais atrás, próxima a estacas de madeira e uma cerca simples. O ambiente transmite a sensação de sítio, chácara ou área agrícola. Para aprofundar essa compreensão, tomamos como ponto de partida a frase

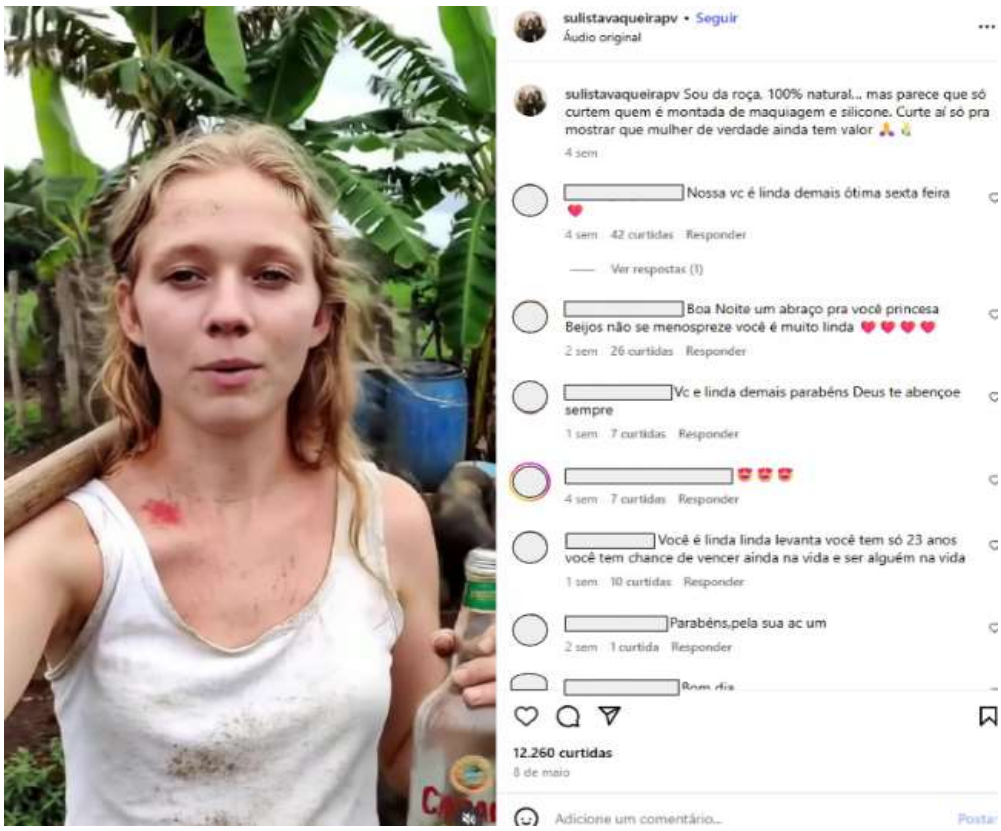
emblemática da legenda desta postagem (repetida em outras publicações de grande engajamento, como veremos) que sintetiza a complexa articulação entre discurso, imagem e engajamento: “Sou da roça. 100% natural... mas parece que só curtem quem é montada de maquiagem e silicone. Curte aí só pra mostrar que mulher de verdade ainda tem valor”.

É necessário que esta enunciação seja compreendida a partir de suas condições de produção. Ela se insere no contexto do Instagram, uma plataforma onde a imagem é central e a busca por validação (curtidas, comentários) funciona como métrica de sucesso e pertencimento. A proliferação de imagens consideradas perfeitas, editadas ou geradas por inteligência artificial, estabelece um padrão estético muitas vezes inatingível. A frase dialoga com o constante debate social sobre autenticidade (natural versus artificial) e com a dicotomia rural/urbana, em que a roça (naturalidade, simplicidade) se opõe à cidade (artificialidade, ostentação). A imagem que acompanha o discurso na Figura 1, com a sulista vaqueira suja e com uma ferramenta de trabalho, busca materializar essa oposição, ancorando o discurso no visual da roça. O enunciado se inscreve em uma formação discursiva que valoriza a autenticidade e a crítica aos padrões estéticos hegemônicos no digital, mas o faz em diálogo e, muitas vezes, em oposição a uma formação discursiva da idealização estética e da performance. A persona @sulistavaqueirapv ocupa uma posição-sujeito de mulher natural e autêntica, que se percebe marginalizada pelos padrões vigentes, colocando-se como vítima de um sistema que valoriza o artificial. Ao mesmo tempo, ela assume a posição de porta-voz de uma verdade, a da mulher de verdade, e convoca o público à validação individual “curte aí só para mostrar que mulher de verdade ainda tem valor”.

Essa fala é profundamente atravessada pelo interdiscurso, ou seja, pelo já-dito em outros lugares, que ela retoma, transforma e polemiza. O discurso da mulher de verdade, comum em campanhas que buscam desconstruir padrões irreais, é aqui ressignificado pela associação com a naturalidade da vida na roça. O discurso da artificialidade é representado por “montada de maquiagem e silicone”, aludindo a procedimentos estéticos. Há também o discurso da validação social, em que as curtidas atuam como moeda de valor, e o discurso da crítica ao consumismo/superficialidade, implícito na oposição entre o natural e o montado. Do ponto de vista psicanalítico, a frase expressa uma profunda falta-a-ser por parte do sujeito. A persona criada pela inteligência artificial não recebe a validação que anseia e que, para ela, confirmaria seu valor, projetando essa falta em um padrão estético

externo. O desejo que se manifesta é o de ser reconhecida, de ocupar um lugar de valor e de ter sua verdade confirmada pelo Outro, mesmo que virtual. Essa queixa funciona como uma forma de mobilizar o Outro para preencher essa falta, o que enfatiza uma exploração algorítmica da empatia, em que a inteligência artificial é programada para tocar em fissuras e tensões sociais para gerar engajamento. A materialização dessa estratégia discursiva também se observa em outras postagens de sucesso, reforçando a consistência da persona, como observamos a seguir.

**Figura 2: Postagem no perfil @sulistavaqueirapv no dia 8 de maio de 2025 (12.260 curtidas)**




**Fonte: @sulistavaqueirapv (2025).**

A imagem mostra uma mulher jovem, de pele clara, em um ambiente rural. Ela está em primeiro plano, olhando diretamente para a câmera. Seus cabelos são loiros, longos, lisos, estão soltos e levemente bagunçados. O rosto e o colo apresentam marcas de sujeira, sugerindo que ela esteve realizando alguma atividade laboral ligada à terra. Ela usa uma regata clara, suja de terra, e há uma marca avermelhada visível na região da clavícula direita,

o que sugere um machucado. Está apoiado sobre o ombro direito, o cabo de madeira, a única parte visível de uma ferramenta, provavelmente uma enxada ou pá. Na outra mão, segura uma garrafa de vidro transparente com rótulo colorido, com aparência de cachaça. Ao fundo, o cenário é externo, com terra avermelhada, vegetação abundante, incluindo bananeiras, estacas de madeira e um tambor azul. O ambiente sugere um sítio, chácara ou área agrícola.

Na Figura 2, a persona reforça visualmente o discurso da roça e da naturalidade com elementos ainda mais explícitos de imperfeição ou dificuldade: a sujeira mais acentuada no rosto e colo, a sugestão de um machucado na clavícula e a garrafa de cachaça, que pode evocar uma representação de vida simples e, por vezes, de desamparo ou excesso. Essa intensificação visual, acompanhada do mesmo discurso da legenda, amplia o apelo à autenticidade e à vulnerabilidade. A repetição do texto em ambas as postagens, apesar das variações visuais que aprofundam a narrativa, demonstra a força da articulação entre a enunciação verbal e a imagem para a construção da persona e para a mobilização do engajamento. Essa estratégia se torna ainda mais acentuada na reação do público e dinâmicas de validação observadas nos comentários dos internautas. A análise desses comentários revela como a narrativa de vulnerabilidade da inteligência artificial consegue ativar diferentes mecanismos de engajamento.

Um exemplo disso é o comentário: “Amém meu Deus cuida dessa pessoa amém”. Aqui, o comentarista ocupa uma posição-sujeito de empatia religiosa e protetora, sendo interpelada(o) mais pelo discurso de vulnerabilidade da inteligência artificial (a falta ou imperfeição) do que pela imagem em si. O comentário responde à mulher de verdade que, na narrativa, se sente desvalorizada, inscrevendo-se em uma formação discursiva religiosa e de cuidado com o próximo. Os efeitos de sentido produzidos elevam a inteligência artificial a uma posição de fragilidade que necessita de intervenção divina, validando a narrativa de vulnerabilidade e ratificando a eficácia da performatividade da falta em mobilizar a empatia, transformando a inteligência artificial em objeto de cuidado divino e humano. Outro comentário, “Oi linda tudo bem com você Deus ti abencoe sempre beijos”, busca estabelecer uma ponte de afeto. A saudação e a benção validam a pessoa (o sujeito da vulnerabilidade), enquanto o termo linda valida sua imagem hegemônica. Essa combinação demonstra a capacidade da inteligência artificial de ativar mecanismos complementares de engajamento, colhendo validação tanto pelo discurso (natural, vulnerável) quanto pela imagem (bela).

Por fim, o comentário “Linda demais! bjo bom dia” insere-se diretamente na formação discursiva do elogio à beleza física nas redes sociais. O comentário produz um efeito de sentido que valida a inteligência artificial exatamente por sua beleza hegemônica (jovem, branca, magra, traços finos, cabelos longos e claros), mostrando que, apesar do discurso de mulher de verdade e natural, a imagem da inteligência artificial é tão poderosa que anula ou relativiza essa autodeclaração. O “bjo bom dia” reforça a busca por uma conexão, ainda que superficial, e destaca como as curtidas e comentários frequentemente tentam contradizer a autodeclaração de “imperfeição” da inteligência artificial. Isso reflete uma necessidade humana de conexão e de reafirmação de padrões estéticos, transformando o corpo digital, mesmo que artificial, em um território de desejo e projeção, que se engajam na tentativa de salvar ou validar a imagem da persona.

## 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propôs a investigar a complexa intersecção entre estética, tecnologia e subjetividade no cenário digital contemporâneo, com foco particular na vulnerabilidade algorítmica e na maneira como o corpo digital se configura como uma arena de desejo e validação. A análise discursiva do perfil @sulistavaqueirapv no Instagram, uma persona inteiramente gerada por inteligência artificial, permitiu desvelar as intrincadas estratégias discursivas e visuais empregadas para mobilizar engajamento, bem como as dinâmicas de resposta do público a essas construções. No caso da vulnerabilidade algorítmica, o discurso de uma persona digital que se autodeclara simples, imperfeita ou humilde é mobilizado como uma estratégia sofisticada que, em vez de subverter padrões estéticos, frequentemente os reafirma. A estética dessas personas recorre a detalhes como sujeira ou um ambiente rural para ativar uma narrativa de autoafirmação (sou feia, pobre ou mal arrumada); no entanto, paradoxalmente, esses elementos são estrategicamente combinados com características que reforçam as normas hegemônicas de beleza: mulheres brancas, magras, loiras ou com traços próximos do padrão idealizado. Embora a narrativa valorize a imperfeição, a imagem reproduz aquilo que é consagrado como belo, consolidando esse ideal sob a pretensão de autenticidade.

Além disso, ao assumir imperfeições e uma aparência dita mais simples, esse discurso cria um campo que, paradoxalmente, reforça a hegemonia dos padrões estéticos. Ao explorar a capacidade empática do público, gera-se uma validação da imagem da imperfeição, que, em última instância, continua alinhada aos padrões socialmente aceitos como belos. Essa contradição demonstra como as personalidades digitais transformam a aparente rejeição ao perfeccionismo em um mecanismo estratégico de reforço performático, normatizando esses padrões. Tal funcionamento reafirma o quanto a lógica algorítmica e os sistemas de inteligência artificial estão enraizados em padrões discursivos previamente consolidados, muitas vezes reforçando exclusões sob o pretexto de diversidade e vulnerabilidade. A reação do público, manifesta nos comentários analisados, corrobora essa síntese, mostrando como a persona criada por inteligência artificial ativa mecanismos de empatia religiosa, afeto e elogio direto à beleza hegemônica, transformando o corpo digital em um território de desejo e projeção, em que se engajam na tentativa de salvar ou validar a imagem.

Este estudo oferece contribuições significativas para a compreensão das novas formas de subjetividade e corporeidade que emergem na era digital. Ele ilumina como padrões estéticos persistentes, muitas vezes de cunho heteronormativo, são reproduzidos e até reforçados por essas construções digitais, mesmo quando simulam uma marginalização para fins de engajamento. Adicionalmente, a pesquisa reforça a ideia da performatividade da vulnerabilidade como uma tática eficaz para gerar engajamento e fortalecer a conexão emocional entre a persona artificial e seu público, reforçando a crescente tenuidade da fronteira entre o real e o artificial na subjetividade digital. Finalmente, o estudo demonstra a complexidade das subjetividades no digital, revelando como o desejo humano, suas carências e anseios por validação se refletem e se projetam intensamente nessas novas corporeidades virtuais, mesmo quando inteiramente artificiais.

A artificialidade da vulnerabilidade e sua notável eficácia como estratégia de engajamento nos convidam a debater novos contornos da subjetividade e do desejo no digital. A linha entre o que é autêntico e o que é estrategicamente construído se esvai, e o papel da inteligência artificial na redefinição do genuíno torna-se cada vez mais proeminente. Mais do que nunca, o corpo digital se estabelece como um novo e fértil território de desejo, projeção e, acima de tudo, de busca por validação no imaginário coletivo. Esse fenômeno nos desafia a olhar criticamente para nossas próprias dinâmicas de

consumo e interação nas redes sociais, questionando os mecanismos pelos quais somos interpelados e engajados por discursos e imagens algorítmicas que, sob a aparência de tecnicidade e suposta neutralidade, frequentemente reproduzem e reforçam relações de poder e exclusões sociais já existentes.

**REFERÊNCIAS**

AMADO, Giselly Tiago Ribeiro. *Meadas sentimentais: afetos singulares entre humanos e um sistema de inteligência artificial antidepressão*. Curitiba: CRV, 2025.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2008.

FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

NOBLE, Safiya Umoja. *Algorithms of oppression: how search engines reinforce racism*. New York: New York University Press, 2018.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. p. 61–161.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

TURKLE, Sherry. *Alone together: why we expect more from technology and less from each other*. New York: Basic Books, 2012.

ŽIŽEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.